



fale

com

ela

betty milan

Apresentação

Ela deseja que o marido seja violento na cama. Quando ele se recusa a isso, a relação se torna problemática. O que dizer a essa mulher? Ou à outra que é infeliz por gostar de um homem que “é tudo na cama”, porém “é um cachorro”?

E o que dizer ao marido que veste a esposa de *call girl* e se maldiz por ser exibicionista? Ao rapaz que prefere o amigo à namorada para transar, só que não gosta de *gay*? Ao jovem da favela, que se diz admirado tanto por grandes criminosos quanto por empresários e não sabe se vai pelo caminho do crime ou pelo caminho do bem? Essas são algumas das questões a que eu respondi no estreito território de 25 linhas da coluna “Fale com ela”, publicada aos domingos na *Revista da Folha*.

A coluna se inscreve numa tradição da nossa cultura – a do consultório sentimental – que data da antiguidade. Assim, na maioria de suas cartas e tratados morais, Sêneca atende a amigos que escrevem pedindo conselhos. No Brasil, o consultório sentimental mais conhecido foi o de Nelson Rodrigues, que se valia do pseudônimo Mirna e respondia como se fosse uma cartomante.

Em *Fale com ela*, assumo a posição do escritor que tem formação psicanalítica, e não a posição do analista. Simplesmente porque não existe cura analítica pelo jornal. O que o colunista comprometido com a verdade pode fazer é indicar o caminho no qual é possível encontrar uma solução. Noutras palavras, ele não pode dar a solução, a menos que seja um ilusionista.

Para desenvolver a coluna, eu me baseei na queixa e no pedido do leitor, assim como no estilo do seu texto, nas repetições e nos lapsos. Procurei esquecer o que havia estudado para me debruçar livremente sobre a pergunta até encontrar a resposta que ela sugeria. Só então eu me remeti às minhas leituras, a fim de ilustrar a afirmação com textos de outros autores, os que mais me marcaram ao longo da vida e, de certa forma, serviram para a minha educação sentimental.

Não foi a obediência a esta ou àquela doutrina que me guiou neste trabalho. Foi o desejo de aprender fazendo e o de transmitir duas idéias. A primeira afirma que é tão possível se liberar dos preconceitos quanto da tirania da moda – uma tirania que durante a Revolução Sexual, por exemplo, obrigava os homens a transar continuamente e as mulheres a dizer *sim* a qualquer proposta masculina. A segunda sustenta que, para não estar continuamente sujeito ao inconsciente, é preciso levar em conta a sua existência e decifrá-lo quando isso se impõe.

Procurei fazer a palavra *liberdade* ressoar, valorizando a particularidade de cada história e promovendo a diferença de cada leitor. Talvez por isso eu tenha recebido e-mails de pessoas dos dois sexos, de idades diferentes e de todas as camadas sociais.

Os temas aqui abordados são muitos e seria exaustivo expô-los na apresentação deste livro, que reúne as colunas e explicita as referências que utilizei, sendo destinado a quem deseja se debruçar sobre a experiência alheia para se conhecer.

1

FANTASIA DE SER VIOLENTADA

Eu não sentia mais desejo de sexo. Isso deixou meu marido tenso, inseguro. A gente brigava quase todo dia. Até que uma noite, no meio de uma briga, ele resolveu forçar as coisas entre nós. Foi quando percebi que a violência dele me excitava. Senti um prazer que nunca tinha sentido antes.

Depois daquela noite, passei a sonhar que ele me obrigava a fazer amor. Eu provocava brigas para que ele ficasse irritado e fizesse amor comigo de um jeito agressivo. Tudo ia bem até que resolvi confessar a minha descoberta. Passei a pedir que fosse mais agressivo, fingisse que estava me forçando a fazer amor.

No começo, ele aceitou. Mas agora está deprimido. Não quer mais. Quero consultar um especialista para saber de onde vem o problema. Será algum trauma de infância que pode ser tratado? É uma coisa temporária ou será que o meu desejo sexual vai estar sempre ligado a essa fantasia? Isso é normal?

Tudo ia bem até você “se confessar”, assumir o seu masoquismo e pedir ao seu marido que assumisse o sadismo – fingindo que te violentava. Ele não quer ser um sádico assumido. Tanto melhor. O sexo limitado ao sadomasoquismo ou a qualquer outra forma de perversão tende a ser monótono. Basta ver a literatura inspirada na filosofia do Marquês de Sade¹ para se dar conta disso. O bordel dos libertinos faz pensar numa escola. O chicote lembra a palmatória. O problema é menos o de ter a fantasia de ser violentada do que o de insistir numa só maneira de transar. Quem depende

da violência para se excitar não tem liberdade e, nesse caso, a experiência da sexualidade – que pode ser uma aventura – torna-se pobre.

Como o masoquismo é uma possibilidade de todos, a fantasia de ser estuprada é mais comum do que se supõe. Era a da personagem do famoso *História de O*, um romance escrito por Pauline Réage², que vendeu 1 milhão de exemplares. Agradou pelo masoquismo da personagem, que se entregava diante do amante a qualquer um que ele escolhesse e considerava uma honra fazer isso. Do começo ao fim, O obedece aos imperativos de René, e o romance é a história bem narrada da sua humilhação.

Não sei se a sua fantasia é temporária ou definitiva. Depende do que você fizer com ela. Sei que está ligada a um trauma ocorrido no passado e que este pode ser reinventado. Recriando-o através da arte ou decifrando-o através da cura analítica. O passado é como a esfinge. Decifra-me ou te devoro³.

O SEXO LIMITADO A QUALQUER PRÁTICA É MONÓTONO

2

FIDELIDADE VIRTUAL

Foi pela internet que eu conheci o meu cyberlover. Ele mora em Nova York e eu no Rio. Tivemos um relacionamento amoroso (sem sexo) que durou oito meses. Ele rompeu comigo alegando que a transa virtual não o satisfazia. Passamos a nos comunicar como amigos, de vez em quando.

Um dia, ele me contou que conheceu a garota com quem pretendia se casar. Fiquei doente com a notícia. Um mês depois, eu fui para Nova York. Vendo o cyberlover, eu não acreditei no que vi. Um loiro de olhos amendoados. O meu tipo! Impossível aceitar a perda. No meu desespero, peguei o primeiro vôo de volta para o Brasil.

Vinte dias, e eu recebi um e-mail dele dizendo que havia rompido o noivado. Bastou para que a mais tórrida das transas começasse. Sei perfeitamente que ele pode sair, namorar, transar com outra nos Estados Unidos. Isso não me afeta. O que eu quero é a fidelidade virtual. Sou fiel e poderia ser feliz se não tivesse tanto medo de perdê-lo. O que fazer?

Ele se separou de você porque queria sexo e da noiva porque queria você. O cyberlover te ama. Mas você pode ficar sem nada se continuar só na internet. Ele já rompeu uma vez porque o amor por e-mail não o satisfazia. Que tal propor um encontro? Você assim tenta dar um outro rumo para a sua história. O termo usado nas empresas é redirecionar, e cada um de nós é empreendedor de si mesmo.

A distância pode ser vencida, o oceano, atravessado, para os que se amam se encontrarem no continente do amor, um

continente sem fronteiras, onde a nacionalidade não importa e só a palavra junto conta verdadeiramente. O que o amante mais quer é a presença do amado, cujo efeito é sempre miraculoso, transforma qualquer lugar num oásis. Quando o amado aparece, ele suspende a realidade. Por isso, até numa cidade em ruínas os amantes ficam bem.

Os ciberlovers não se tocam, um não sabe da pele do outro, do calor da boca ou do perfume do corpo. Eles se excitam e se satisfazem sem o prazer da carícia. Não passam do virtual para o real para evitar o risco de uma contrariedade. Só que o sexo pela internet tende a se tornar repetitivo. O amor requer a renovação, que é a verdadeira fonte da juventude. Quem não muda e não rompe hábitos não se renova, envelhece precocemente. Todos os hábitos são suspeitos, diz Clarice Lispector⁴, aconselhando a romper os maus hábitos e também os bons.

“Nunca parar de começar”⁵ é um bom lema, o segredo de uma juventude prolongada. Que tal começar de outra maneira a história com o ciberlover?

A PRESENÇA DO AMADO TRANSFORMA QUALQUER LUGAR NUM OÁSIS